

As crianças de África, indispensáveis para o futuro do mundo

A infância do futuro terá um rosto sobretudo africano. Em 1950, apenas uma em cada dez crianças do mundo vivia em África; em compensação, em 2050, 37 % de todos os menores de 18 anos serão africanos.

As implicações deste crescimento da população infantil para África e para o resto do mundo foram analisadas no relatório “Generation 2030 Africa”, publicado pela UNICEF em agosto passado. Estas são algumas das tendências observadas:

A população africana é mais jovem do que a do resto do mundo. 47 % da população africana tem menos de 18 anos. E em quinze países do continente a proporção supera os 50 %. Consequentemente, em meados deste século, a média de idade da população africana será de 25 anos, enquanto a mesma média do conjunto mundial terá subido para 36.

Quase mil milhões de crianças viverão em África até meados do século. Em 2050, 41 % dos nascimentos, 40 % dos menores de cinco anos e 37 % dos menores de 18 anos serão africanos. E a sua população total de menores de 18 anos aumentará de 547 milhões em 2015, para 909 milhões em 2050.

A Nigéria é o país que experimentará o maior crescimento, em números absolutos, de menores de 18 anos, de modo que, em 2050, uma em cada cinco crianças africanas será nigeriana. Outros aumentos notáveis da população desta idade ocorrerão na Tanzânia, na República Democrática do Congo e na República do Níger.

O aumento de mulheres em idade de conceber e a alta fertilidade impulsionam o crescimento. O aumento de nascimentos em África é consequência de o número de mulheres em idade de conceber se ter multiplicado por cinco desde 1950, até 280 milhões em 2015. A isto temos de juntar uma fecundidade mais alta: a mulher africana tem uma média de 4,7 filhos, muito acima da da Ásia (2,2) e da do conjunto do mundo (2,5).

Embora o ritmo de crescimento demográfico seja mais lento, a população total de África – segundo as últimas projeções da

Divisão de População da ONU – passará dos atuais 1 200 milhões para quase 2 400 em 2050.

A esperança de vida das crianças africanas cresceu notavelmente. Também há mais crianças africanas porque morrem menos. A mortalidade das crianças abaixo dos cinco anos passou de uma em cada seis em 1990, para uma em cada 11 hoje em dia. A esperança de vida, no momento do nascimento em África, que nos anos 50 era de 40 anos, agora é de 58 anos, o que pressupõe um grande avanço, embora ainda 12 anos abaixo da média mundial.

África tem a mais alta taxa de dependência infantil. Devido à sua florescente natalidade, África tem a mais alta taxa de dependência infantil – 73 crianças menores de 15 anos por cada 100 pessoas em idade laboral –, quase o dobro da taxa mundial. Esta relação diminuirá regularmente, à medida que baixe a fecundidade e aumente a população em idade de trabalhar. Já a taxa de dependência da população de mais idade – maiores de 65 anos, relativamente à população em idade de trabalhar – crescerá lentamente, de 6 para 9 em 2050, o nível mais baixo do mundo.

Dividendo demográfico. O relatório da UNICEF nota que esta evolução da população africana dá ao continente uma boa oportunidade para obter neste século um “dividendo demográfico”: ao expandir-se a população em idade de trabalhar e ao reduzirem-se as taxas de dependência, pode surgir um período de crescimento económico rápido e sustentado, como sucedeu noutras regiões.

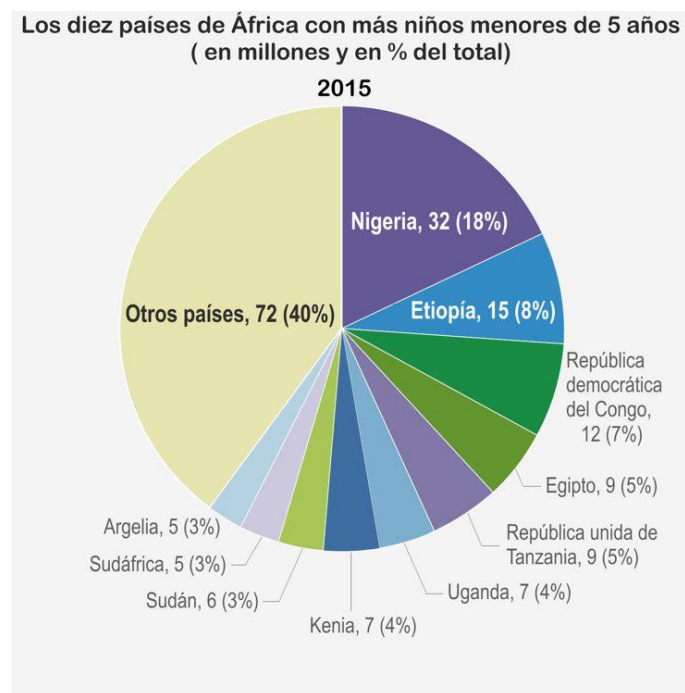
Mas a concretização deste dividendo demográfico exige investir agora nessas crianças, especialmente nas mais desfavorecidas, para que possam ser, amanhã, os agentes que rompam o ciclo da pobreza e da desigualdade.

Seria prioritário facilitar a educação das meninas. Hoje, as mulheres africanas são as que têm mais altas taxas de fertilidade na adolescência (98 nascimentos por cada 1 000 mulheres de 15-19 anos), mais do dobro da taxa mundial (45). Para reduzir essa taxa, teriam que acabar os casamentos de mulheres com menos de 18 anos. A experiência diz que as mulheres com mais educação se casam mais tarde, espaçam mais os nascimentos e é mais provável que consigam a permanência dos seus filhos na escola.

Com o ébola em África, têm associado imagens dela à morte. Mas de África vem sobretudo a vida, com as fotografias das muitas crianças das ruas africanas.

Alguns números em “Aceprensa”:

(autorização: www.aceprensa.pt)



Grã-Bretanha: governo e sindicatos confrontam-se pela reforma da educação

A 9 de julho passado, começou em Londres uma cimeira internacional sobre inovações pedagógicas, patrocinada pelo Departamento de Educação britânico. Nem o tema da cimeira nem a data escolhida foram casuais, pois um dia depois iria haver em Inglaterra e País de Gales uma greve de professores.

Poucos meses após chegar ao poder, em 2010, o governo de David Cameron publicou um Livro Branco com medidas para elevar a qualidade de ensino na Grã-Bretanha. Sob o título “The Importance of Teaching”, o documento propôs como medidas chave: melhorar a preparação dos professores, estimular a autonomia das escolas e modernizar o plano de estudos.

Cameron escolheu Michael Gove para levar a cabo esta reforma, cujo empenho para aumentar a diversidade na rede pública o converteu no alvo dos sindicatos do ramo (no quadro de uma ampla reestruturação do governo britânico tendo em vista as eleições deste ano, Michael Gove foi substituído em 15 de julho do ano passado como ministro da Educação. Ocupou o seu lugar, Nicky Morgan, de cariz mais dialogante).

Em contrapartida, Gove conta com o apoio de muitos diretores de escolas públicas, que estão cansados das críticas constantes dos sindicatos a qualquer reforma educativa.

A primeira fase da reforma desenhada por Gove consistiu em impulsionar o modelo de escolas financiadas com dinheiros públicos mas geridas de forma privada; uma fórmula já utilizada pelo trabalhista Tony Blair e que foi marginalizada anos depois pelo governo de Gordon Brown, também trabalhista. Desde 2010, o número deste tipo de escolas passou de 200 para quase 1 500.

Seguiu-se a reforma do plano de estudos, com a qual o governo quis potenciar cadeiras básicas como língua, matemática, ciências, idiomas, história e geografia. Também introduziu um critério no *ranking* que avalia a qualidade das escolas: aquilo que dá mais pontos são os resultados dos alunos nessas cadeiras.

E mais tarde chegou a vez da profissão docente. As duas medidas que foram pior recebidas pelos sindicatos são as seguintes: é elevado o nível de qualificação exigido para ser professor; e estabelece-se que as melhorias salariais dependam dos resultados académicos dos alunos. Além disso, as próprias escolas públicas deverão encarregar-se de melhorar a preparação dos seus professores. E os diretores terão mais competências para serem eles – e não as autoridades educativas locais – quem decide sobre os despedimentos dos professores com baixo rendimento.

Estas medidas – sobretudo as duas primeiras – levaram a União Nacional de Professores à greve, em Inglaterra e no País de Gales. A este sindicato, o maior do ramo, juntaram-se mais quatro.

O impacto da greve nos meios de comunicação foi contrariado em parte pela mensagem que Gove quis enviar com a realização de uma cimeira internacional sobre inovações pedagógicas, entre 9 e 10 de julho do ano passado. O secretário da Educação reprovou aos sindicatos o serem relutantes às inovações propostas para o ensino público.

É o que se depreende de um artigo publicado no “The Telegraph” (“A mission to give every child a great education”, 8.7.2014) e assinado conjuntamente por Gove, pelo ministro da Educação de Portugal, Nuno Crato e por Lucía Figar, conselheira da Educação da Comunidade de Madrid.

Para os três dirigentes políticos, uma boa reforma educativa é a que combina a qualidade e a equidade. Mas o empenho em estender a qualidade de ensino ao maior número de pessoas possível, acrescentam, chocou de frente com “os interesses criados dos que estão decididos a inviabilizar a reforma, insistindo em que as coisas devam continuar na mesma”.

Para justificar as medidas de Gove, apelam à evidência crescente em torno do que funciona na educação. “Os sistemas que têm sucesso, partilham características comuns: uma maior autonomia para os diretores e os professores; uma prestação de contas mais inteligente e rigorosa através da

avaliação externa; um esforço permanente em melhorar a qualidade do ensino; um plano de estudos rigoroso e académico; e o convencimento de que todas as crianças podem implementá-lo”.

Embora não mencionem estudos concretos, na Grã-Bretanha é conhecido o sucesso académico das escolas públicas com gestão autónoma, igualmente em zonas deprimidas. Stephen Twigg, antigo responsável da oposição trabalhista para temas educativos, não achou inconveniente em elogiar essas escolas e lamentou que não houvesse mais (“Academies are great, but could give more back”, “The Telegraph”, 14.9.2012).

A autonomia das escolas teve bons resultados nos exames finais do secundário de 2013: 70 % das escolas públicas com melhores resultados são de ensino diferenciado por sexos.

J. M.

“Com todas as nossas forças”

“De toutes nos forces”

Realizador: Nils Tavernier

Atores: Jacques Gamblin, Fabien Héraud

Duração: 86 min.

Ano: 2013

A história baseia-se em factos reais e revela bem o poder da motivação. As relações humanas são essenciais à vida e, neste caso, abordam-se os laços que se criam numa família

O filme começa com um pai a ser despedido do seu trabalho. Tem um filho deficiente, um jovem de 17 anos com paralisia cerebral, ao qual não dedica atenção. A mãe é que cuidara dele pois o pai recusara gostar da criança. Agora que está desempregado e tem mais tempo, ainda mais se afasta do rapaz. O jovem sente a falta do pai. Admira-o e quer ganhar o seu afeto. Gosta de desporto e um dia resolve desafiar o pai a participarem na competição “Ironman”, uma prova desportiva englobando natação, ciclismo e a maratona. O pai já ganhara essa “corrida” há anos atrás quando fora atleta. Sente-se mais velho e reage mal à proposta do filho. No entanto, perante a insistência dele, acaba por aceitar. Começam os treinos. Pouco a pouco vão-se conhecendo melhor. Traçam planos de acção e marcam objetivos. A família une-se como até aí não acontecia. Os amigos apoiam-nos. Todos querem lutar para

atingir o mesmo resultado e cada um vai sendo útil no que de melhor sabe fazer.

No dia da prova lançam-se à ação. No total, vão demorar 16 horas esgotantes até cortarem a meta. Quando estão prestes a desistir, é o rapaz a ir buscar forças motivadoras que arrastam o pai a dar os derradeiros passos. Chegam em último, ainda dentro do prazo estabelecido, mas o mais importante é que se reencontraram a si próprios. Aprenderam a contar uns com os outros e aprenderam a lutar por aquilo que vale mesmo a pena empenhar-se.

Tópicos de análise:

1. O poder da motivação intrínseca surge do interior de cada um.
2. Sentir-se querido e estimulado a agir, reforça a ação.
3. Uma corrida ganha-se através de pequenos passos.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

